

Interação Mãe-Bebê no Ambiente Prisional

Mother-Baby Interaction in the Prison Environment

Interacción Madre-Bebé en el Entorno Penitenciario

*Catia Bibiano dos Santos(1); Jéssica de Sezaro(2); João Rodrigo Maciel Portes(3);
Carina Nunes Bossardi(4)*

1 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí – SC, Brasil.

E-mail: katy_bibi_17@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9729-1187>

2 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí – SC, Brasil.

E-mail: jessicahds14@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3711-7590>

3 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí – SC, Brasil.

E-mail: joaorodrigo@univali.br | ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2512-4491>

4 Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí – SC, Brasil.

E-mail: carinabossardi@univali.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0734-3463>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 13, n. 2, p. 92-107, julho-dezembro, 2021 - ISSN 2175-5027

[Submetido: outubro 01, 2020; Revisão1: outubro 26, 2020 Revisão2: fevereiro 20, 2021; Aceito: fevereiro 23, 2021;

Publicado: dezembro 23, 2021]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i2.4337>

Endereço correspondente / Correspondence address

Universidade do Vale do Itajaí - Rua Uruguai, 458 - Centro,
Itajaí - SC, 88302-901

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Jean Von Hohendorff

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

A penitenciária é um contexto atípico para o desenvolvimento infantil, portanto é possível que as interações entre a díade mãe-bebê sofram interferências das características desse ambiente. Com objetivo de identificar e compreender as interações entre bebês e mães encarceradas, essa pesquisa contou com o uso da metodologia observacional. Após o levantamento de dados sociodemográficos, foram observadas as interações entre mães e bebês no contexto carcerário, durante 20 minutos em três dias diferentes. Observou-se quatro díades mãe-bebês. As crianças tinham entre zero a sete meses de idade. As interações foram gravadas em áudio e vídeo e analisadas com base em um protocolo de categorias previamente estabelecidas, conforme a literatura. Os comportamentos da mãe, com maior frequência, foram olhar e embalar, enquanto que os dos bebês foram vocalizar e ficar irrequieto. Tais resultados evidenciam um compartilhamento recíproco de atenção e afeto entre as díades. Contudo, observa-se a ausência de comportamentos de interação essenciais para o desenvolvimento na primeira infância, como a estimulação por objetos. Indica-se a necessidade de atividades de orientação sobre as formas de promoção de desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Interação Mãe- Criança, Prisão, Saúde materno-infantil.

Abstract

The penitentiary is an atypical context for child development, so it is possible that interactions between the mother-baby dyad suffer interference from the characteristics of this environment. In order to identify and understand the interactions between incarcerated babies and mothers, this research relied on the use of observational methodology. After collecting sociodemographic data, interactions between mothers and babies were observed in the prison context for 20 minutes on three different days. Four mother-infant dyads were observed. The children were between zero and seven months old. The interactions were recorded in audio and video and analyzed based on a protocol of previously established categories, according to the literature. The mother's behaviors, more often, were to look and rock, while those of the babies were to vocalize and become restless. Such results show a reciprocal sharing of attention and affection between the dyads. However, there is an absence of interaction behaviors essential for early childhood development, such as object stimulation. The need for guidance activities on ways to promote healthy development is indicated.

Keywords: Mother-Child Interaction, Prisons, Maternal and Child Health.

Resumen

El centro penitenciario es un contexto atípico para el desarrollo infantil, por lo que es posible que las interacciones entre la díada madre-hijo sufran interferencias por las características de este entorno. Para identificar y comprender las interacciones entre bebés y madres encarcerados, esta investigación se basó en el uso de metodología observacional. Luego de recolectar datos sociodemográficos, se observaron interacciones entre madres y bebés en el contexto carcelario, durante 20 minutos en tres días diferentes. Se observaron cuatro díadas madre-hijo. Los niños tenían entre cero y siete meses. Las interacciones se registraron en audio y video y se analizaron en base a un protocolo de categorías previamente establecidas, según la literatura. Los comportamientos de la madre, más a menudo, eran mirar y mecerse, mientras que los de los bebés eran vocalizar y ponerse inquietos. Estos resultados muestran un intercambio recíproco de atención y afecto entre las díadas. Sin embargo, hay una ausencia de comportamientos de interacción esenciales para el desarrollo de la primera infancia, como la estimulación de objetos. Se indica la necesidad de actividades de orientación sobre formas de promover un desarrollo saludable.

Palabras clave: Interacción Madre-Hijo, Prisiones, Salud Materno-Infantil.

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), em junho de 2016, no Brasil, a população total carcerária masculina era de 726.712 mil, sendo que o país possui apenas 368.049 mil vagas (Brasil, 2017). O INFOPEN-MULHER indica que, até junho de 2016, a população feminina carcerária era de 41.087 e tinha suporte para atender apenas 27.029 mulheres.

Ser mulher em um sistema prisional, que historicamente foi feito para homens, nos remete à reflexão a respeito destas mulheres que, quando gestantes ou afastadas de seus filhos devido ao aprisionamento. São fatores contextuais como estes que indicam questionamentos, especialmente no que se refere no desenvolvimento das primeiras interações sociais entre essas mulheres e seus filhos, os quais se tornam, muitas vezes, seus acompanhantes na prisão, já que existem políticas públicas que garantem a permanência da criança no contexto carcerário na companhia e convivência com suas mães.

Da mesma forma, respaldado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, Brasil, 1990) e pelo Art. 83, parágrafo 2o da Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, Brasil 1984), é direito da criança que ela possa acompanhar a mãe, para que esta seja amamentada e que tenha todo cuidado necessário, durante um período mínimo de seis meses, podendo estender o tempo até sete anos de idade. Sendo assim, no caso de não haver outro responsável por ela, é dever do Estado fornecer nas penitenciárias locais adequados para o cuidado destas crianças (Brasil, 1984; Brasil, 1990).

A primeira infância requer cuidados e atenção importantes e essenciais ao desenvolvimento infantil. Nos anos iniciais, especialmente os que se referem aos primeiros três anos de idade da criança, são abordados temas relativos aos cuidados básicos e às interações sociais, mais especificamente entre mães e crianças. A interação social é definida como toda ação recíproca entre duas pessoas, representados através de comportamentos direcionados um ao outro. Considera-se que as relações interacionais estabelecidas entre mães e bebês são de grande importância para o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação da criança (Menegatti, Pianovski, & Löhr, 2016). Para tanto, é necessário atentar para como ocorrem essas relações e no que elas podem acarretar futuramente. As trocas de estímulos entre as díades são constantes, desde o nascimento, quando a criança se depara com o mundo extrauterino e possui apenas recursos sensoperceptivos para adaptação. A mãe tem o papel de fornecer estímulos para sua interação e desenvolvimento, principalmente nos primeiros meses de vida, o que pode acarretar em mudanças no desenvolvimento tanto das mães quanto das crianças (Fadda & Lucarelli, 2017; Silva & Porto, 2016).

Ainda, por meio da teoria do apego, proposta por Bowlby, há um maior entendimento sobre a importância do vínculo afetivo estabelecido entre mães e bebês no início da vida. Estudos observacionais da díade mãe-bebê caracterizam, assim, as interações, a reciprocidade e a sincronia que devem ser tidas como fatores importantes

para a obtenção de autonomia da criança e da sua independência no futuro. Deste modo, as interações entre mães e bebês auxiliam nos processos psicossociais das crianças e organização de identidade (Kreutz, 2001; Kluczniok et al., 2016; Ledel, Razera, Haack, & Falcke, 2018; Powell, Marzano & Ciclitira, 2017). Outrossim, conforme a teoria de Bowlby, os ambientes são essenciais para o estabelecimento de vínculos afetivos entre mães e crianças, de modo que se não há um local em que nem a mãe e a criança se sintam seguras, essa relação pode não ser estabelecida de maneira considerada adequada para o desenvolvimento (Gomes & Marchiori, 2012; Powell, Marzano, & Ciclitira, 2017).

Apesar da existência de fatores estressantes e de algumas vulnerabilidades provenientes das variáveis do sistema prisional, a possibilidade de desenvolver e manter relações diádicas entre mãe e bebê, torna-se um fator de proteção frente ao que o cárcere representa tanto para as mães, quanto para as crianças. No que se refere às mães, a convivência com os bebês pode remeter às relações familiares, o que de certa forma, minimiza o sofrimento de estar encarcerada. Para os bebês promove o desenvolvimento do vínculo afetivo com a figura materna (Armelin, Mello, & Gauer, 2010; Fadda & Lucarelli, 2017, Silva, 2018).

Diante da realidade vivida por mulheres acompanhadas por seus filhos em situação de cárcere pode-se notar o descaso e o preconceito enfrentados por elas ao serem rotuladas “mães-más” pela sociedade, cujo papel de mãe é associado ao delito cometido. Elas podem ser ainda consideradas incapazes de comportamentos sensíveis e de cuidado em relação aos filhos (Baldwin, 2018; Durigan, 2015).

Por não possuírem espaço adequado, pela grande taxa de insalubridade e, especialmente pela falta de recursos materiais para manter crianças de maneira que elas consigam ter qualidade de vida, pode-se dizer que os presídios não são locais propícios ao desenvolvimento infantil, podendo apresentar-se como fator de risco à saúde física e mental da criança (Diuana, Corrêa, & Ventura, 2017). Porém, entende-se que é importante não separar as mães de seus filhos nos primeiros anos de vida e, principalmente, no período de amamentação, pois o aleitamento materno é essencial para a saúde da criança, bem como para as relações de apego estabelecidas entre a díade mãe-criança. Tais fatores têm também se tornado reforçadores da resiliência frente à situação de cárcere para as mães (Armelin, Mello, & Gauer, 2010; Silva, 2018).

Recentemente, uma revisão sistemática da literatura, conduzida por Cúnico, Brasil e Barcinski (2015) constatou a escassez na produção científica sobre o tema, sobretudo no âmbito nacional. Um dos poucos estudos nacionais sobre o tema foi realizado por Ormeño e Stelko-Pereira (2015) e tiveram o objetivo de investigar a percepção da mãe encarcerada sobre os aspectos relevantes do ambiente prisional relativos ao desenvolvimento do bebê. A pesquisa foi realizada com três mães que cumpriam regime semiaberto através de uma entrevista semiestruturada. Os resultados

revelaram que as mães apresentavam um vínculo positivo na interação com o seu bebê e acreditavam que o seu cuidado era primordial para o desenvolvimento da criança. No entanto, elas reconheciam que as normas do ambiente prisional poderiam ser um risco para a saúde do filho.

Diante da lacuna na literatura sobre o tema e também do advento das políticas públicas para essa população, esse estudo tem como objetivo compreender as características das interações entre bebês e mães encarceradas. Para isso, buscou-se conhecer as características sociodemográficas das mães encarceradas e dos bebês e identificar os comportamentos estabelecidos nas interações iniciais entre mães e bebês no contexto prisional.

Método

A presente pesquisa é de caráter descritivo, exploratório e observacional e contou com a participação de quatro mulheres acompanhadas de seus filhos com idade entre zero a sete meses, que estavam inseridas em uma unidade prisional no sul do Brasil. Sendo assim observaram-se quatro díades mãe-bebê, devido aos bebês recém-nascidos apresentarem um conjunto de características que os capacitam para os primeiros contatos sociais (Menegatti, Pianovski, & Löhr, 2016) e a existência da relação mãe-bebê. Mesmo no contexto prisional, as interações sociais devem ser incentivadas desde o primeiro dia de vida do bebê potencializando as possibilidades de experiências promotoras de desenvolvimento infantil.

Contexto de observação

O ambiente onde foram realizadas as filmagens, denominado pelo presídio como berçário, é composto por uma cela com um banheiro, uma cozinha e uma pequena área aberta de aproximadamente 10m². Possui 6 camas de solteiro, 5 berços, 4 cômodas, televisão e ar condicionado. Não foram observados a disposição de brinquedos, carrinhos de bebê, até mesmo pela limitação de espaço físico. No momento das filmagens, uma das detentas dormia em um colchão de solteiro no chão próximo ao berço de seu filho, outras duas detentas gestantes as quais não participaram do estudo em suas respectivas camas, assim como as demais mães. Uma díade foi eliminada do estudo porque a posição da câmera no contexto de observação não conseguiu captar as imagens, devido a localização das camas.

Instrumentos

A observação em vídeo foi realizada no berçário do presídio e consiste num ambiente natural de convivência das díades. Foram utilizadas duas câmeras de

filmagem, uma em cada extremidade do local, para a observação das características das interações mãe-bebê, de acordo com a quantidade e a frequência de comportamentos, tendo como base um protocolo com doze categorias de comportamentos maternos (Olha o bebê; Fala para o bebê; Sorri para o bebê; Acaricia/beija o bebê; Embala/ aconchega o bebê; Acalma o bebê; Estimula sem objeto; Estimula com objeto; Posiciona face a face o bebê; Olha para câmera/outro lugar; Responde à vocalização/choro do bebê e amamenta o bebê) e oito categorias de comportamentos do bebê (Vocaliza/ choraminga; Chora; Sorri; Olha para mãe; Segura brinquedo/estímulo; Sonolento/ dorme; Alerta/irrequieto; Alerta/acordado). Tal protocolo, bem como as definições de cada categoria foram baseados em instrumentos previamente existentes na literatura e utilizados em diferentes estudos (Wendland-Carro, Piccinini, & Millar, 1999).

Também foi elaborada pelos autores, uma ficha de dados sociodemográficos. As informações foram preenchidas a partir leitura do cadastro no sistema prisional, tais como idade da mãe e do bebê, sexo do bebê, escolaridade da mãe e se possui mais filhos, motivo e tempo de reclusão e possíveis complicações de gestação, parto e internações do bebê.

Procedimentos

Para acesso à população deste estudo, foi solicitada a autorização da diretora do presídio. Após essa etapa, o projeto foi encaminhado para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade, cujo parecer nº 1.871.452 foi aprovado na data de 16 de dezembro de 2016. Posteriormente, os pesquisadores agendaram três horários para a observação com a psicóloga do presídio e convidaram as mães a participarem da pesquisa. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e posteriormente iniciaram-se as gravações com duração de 20 minutos, durante três episódios, em dias e horários alternados. No momento da gravação as mães foram orientadas a continuarem suas atividades diárias de maneira natural, se possível, sem alterações provenientes da presença das câmeras.

Análise de dados

Para a realização da análise em cada vídeo de 20 minutos foram excluídos os dois primeiros minutos e os dois minutos finais, em virtude de considerar a adaptação das mães com a presença da câmera no ambiente. O tempo restante para análise dos vídeos foram decupados em intervalos de 15 segundos, Assim, para análise foram analisados 72 episódios de 15 segundos cada. A cada 15 segundos os observadores paravam o vídeo e categorizavam a ocorrência de comportamentos. Tais procedimentos seguiram conforme o modelo utilizado nos estudos Kreutz (2001). Para medir a fidedignidade dos dados obtidos, foi utilizado do nível de concordância dos pesquisadores em relação as

categorias. Para que esse índice fosse confirmado, foi utilizado de uma fórmula que é utilizada para análise de dados observacionais, que consiste no seguinte cálculo: $\Sigma A / \Sigma (A+D) \times 100$, em que se refere a somatória da quantidade de dados em concordância dos juízes dividido pela somatória da quantidade de concordância e não concordância desta análise pelos juízes multiplicados por cem. Na primeira análise as pesquisadoras tiveram um nível de concordância de 33,15%, o que necessitou de uma revisão das categorias e a realização da segunda análise das gravações de vídeo para chegar em um nível de concordância superior a 70% em relação aos comportamentos observados. Os ajustes referiram-se especialmente no que se refere ao início e ao término de cada episódio. Para uma maior certeza dos dados observados, foi utilizada a filmagem de uma das câmeras e, posteriormente os dados foram conferidos com o auxílio da segunda câmera.

Resultados

Caracterização das participantes

As participantes eram quatro mulheres brasileiras com idades entre vinte e oito a trinta e sete anos, acompanhadas de seus filhos com idades entre zero a sete meses de vida. Optou-se em utilizar nomes fictícios para manter o anonimato das participantes.

Díade 1 (D1) – Maria, 30 anos, ensino médio incompleto, em uma união estável, possui três filhos, sendo que o mais novo é um menino de seis meses (criança-alvo) que está sob os seus cuidados no presídio. Essa detenta é reincidente, o cumprimento da sua primeira pena ocorreu no ano de 2007. Atualmente cumpre regime fechado há um mês devido ao tráfico de drogas (Art.33), Receptação (Art.180), Tentativa de assalto (Art.157), Assalto (Art.157) e Posse de drogas (Art.28), conforme os artigos do Código Penal Brasileiro.

Díade 2 (D2) – Beatriz - 37 anos, ensino fundamental incompleto, casada, mãe de dois filhos, sendo que a criança-alvo é do sexo masculino e tem dois meses de idade. A detenta é ré primária, devido ao tráfico de drogas (Art.33) e estava presa há quatro meses.

Díade 3 (D3) – Ana - 28 anos, ensino fundamental incompleto, casada, mãe de dois filhos, sendo a última do sexo feminino e recém-nascida com apenas sete dias de vida. A detenta estava presa pela primeira vez há três meses, devido ao tráfico de drogas (Art. 33).

Díade 4 (D4) – Clara -28 anos, ensino fundamental incompleto, solteira, possui dois filhos, sendo que sob os seus cuidados está o último filho, um bebê de dois meses de idade do sexo masculino. Assim como as demais mães, essa detenta também se envolveu com o tráfico de drogas (Art.33) e cumpre a sua pena há um ano e três meses.

Em relação ao nível de escolaridade dessas mulheres os dados revelam que nenhuma delas concluiu o ensino médio. A situação conjugal indica que apenas uma

mãe se declarou como solteira. Todas as mulheres já possuem outros filhos, sendo que os bebês que estão sob os seus cuidados no presídio nasceram com idade gestacional adequada e não possuem histórico de internação médica desde o nascimento. Quanto a situação prisional, a maioria são rés primárias devido ao tráfico de drogas e apenas a mãe (D1) é reincidente.

Descrição da frequência de comportamentos de interação

Na Tabela 1, observa-se a frequência de comportamentos dos bebês em direção às mães, com um total de 83 interações. As categorias de maior frequência foram: irrequieto, com 31 interações e vocaliza, com 24 interações. A categoria “irrequieto” consiste em o bebê encontrar-se visivelmente desconfortável, inquieto ou excitado com a atividade na qual ele está envolvido e sempre é marcada quando o bebê está chorando e/ou agitado. Já a categoria vocaliza ocorre quando o bebê apresenta choramingo, balbucio, resmungo, em geral tentativas de vocalização de fraca intensidade ou descontínuas. As categorias com menor frequência foram: “estímulos” com nenhum episódio e sorri com apenas 1 (uma) frequência, os quais significam, respectivamente, que o bebê segura com uma ou as duas mãos o estímulo que a mãe lhe apresenta, sendo ele um objeto ou brinquedo, e o bebê visivelmente sorri para a mãe, considerado apenas quando o bebê sorri olhando para a mãe.

Para representar melhor as categorias que tiveram mais frequência dos comportamentos dos bebês, fez-se um recorte de um minuto da cena onde as categorias “vocaliza” e “irrequieto” aparecem, em que é demonstrado a seguir pelo bebê da díade 1: A mãe encontra-se sentada na cama escrevendo em seu caderno enquanto a criança encontra-se deitada na cama em estado de inquietude e vocalizando. A mãe segue escrevendo em seu caderno enquanto o bebê segue inquieto mexendo seus braços e pernas incessantemente. A categoria irrequieto também pode ser observado na díade 2. O bebê emite esse comportamento quando sua mãe se distancia e começa a conversar com outra presidiária.

É importante sinalizar também que o bebê da Díade 2 foi o que mais apresentou comportamentos dentro do que o instrumento pretendeu avaliar, apresentando uma frequência de 60 comportamentos. A categoria em que ele mais pontuou foi a irrequieto (frequência de 27 comportamentos).

Tabela 1. Frequência de comportamentos dos bebês em direção as mães

Categorias (bebês)	Díade1 (Idade 6m)	Díade2 (Idade 2m)	Díade3 (Idade 7 dias)	Díade4 (Idade 2m)	Total
Vocaliza	0	14	1	9	24
Chora	1	12	1	0	14
Sorri	0	0	0	1	1
Olha para a mãe	0	2	0	0	2
Segura Estímulos	0	0	0	0	0
Dorme	1	3	0	1	5
Irrequieto	1	27	0	3	31
Acordado	2	2	1	1	6
Total	5	60	3	15	83

Na tabela 2, nota-se a frequência de comportamentos das mães com um total de 347 interações. As categorias que tem maior frequência são: “olha para o bebê” com 172 interações e “embala” com 63 interações, em que a categoria “olha para o bebê” consiste em a mãe dirigir o olhar para o rosto e/ou corpo do bebê, e a categoria “embala” é definida como a mãe embalar, aconchegar, ajeitar o bebê e colocar o bebê no colo ou sobre as pernas. As categorias de menor frequência foram: “estimula com objeto” e “troca fralda” que tiveram 2 interações cada, as quais se definem respectivamente por a mãe fazer gestos com objetos ou brinquedos procurando chamar a atenção do bebê, promovendo uma interação divertida entre eles, e a mãe realiza a troca de fraldas do bebê.

Para melhor visualização, foram feitos recortes das cenas com as interações mais relevantes, como por exemplo na cena a seguir com duração de um minuto na categoria “olha para o bebê”, em que é realizado pela díade 1: A mãe encontra-se sentada na cama amamentando seu filho e conversando com as demais mães, dirige seus olhos para o bebê adormecido sugando seu seio, passa a mão sobre seu corpo, levanta seus olhos do corpo da criança e volta a conversar. Depois de 3 segundos, volta o olhar novamente para a criança, ajeita o cobertor o qual a criança está envolta, olha ao redor para outra mãe que passava, olha para o bebê novamente por mais 2 segundos, depois dirige seu olhar para outra mãe e depois olha mais uma vez para o bebê. Na categoria “embala”, é exemplificado pela interação da díade 2, em que a mãe se encontra em pé com o bebê no colo, conversando com outra mãe que também está de pé a sua frente. Olha para outra mãe que passa por elas chamando a atenção de seu filho. A mãe segue embalando seu bebê com o braço esquerdo enquanto olha para algo em sua outra mão. Passa o objeto para a mão esquerda e continua embalando a criança enquanto conversa com a outra mãe. Dirige-se para a cama e pega uma caneta, volta ao ponto de origem e segue embalando a criança.

Da mesma forma que nos comportamentos do bebê, a maior frequência de ocorrências também ocorreu na Díade 2, sendo o comportamento de olhar para o bebê o mais frequente.

Tabela 2 - Frequência de comportamentos das mães em direção aos bebês

Categorias (mãe)	Díade1 (Idade 6m)	Díade2 (Idade 2m)	Díade3 (Idade 7 dias)	Díade4 (Idade 2m)	Total
Olha para o bebê	6	93	45	28	172
Fala para o bebê	3	7	1	3	14
Sorri para o bebê	0	1	0	2	3
Acaricia	0	12	17	9	38
Embala	10	19	20	14	63
Acalma	5	8	1	0	14
Estimula com objeto	1	1	0	0	2
Estimula sem objeto	0	1	0	4	5
Posiciona Face a face	5	2	2	2	11
Troca a fralda	1	1	0	0	2
Olha para a câmera	1	0	0	4	5
Responde a fala do bebê	3	2	0	2	7
Amamenta	2	7	2	0	11
Total	37	154	88	68	347

A partir das análises pode-se levantar como hipóteses que as mães têm maior frequência do comportamento e iniciativa de interação do que os bebês, possivelmente devido a pouca idade, os bebês demandam cuidados básicos das suas mães, fato observado principalmente nas interações com bebês mais novos.

Discussão

Os resultados sobre o perfil das mulheres, em que a maioria apresenta escolaridade inferior ao Ensino Médio completo, além de estarem presas por terem envolvimento com o tráfico de drogas vêm ao encontro dos dados encontrados literatura (Depen, 2015; Mello & Gauer, 2011; Ormeño & Stelko-Pereira, 2015).

O contexto em que essas mulheres estão inseridas tem maior probabilidade de vulnerabilidade, sendo que muitas delas já entram no sistema prisional como gestantes e não podem contar com o apoio do parceiro e da rede familiar. Cabe ressaltar que as mães D2, D3 e D4 já estavam grávidas quando foram presas. Durigan (2015) discorre sobre a criação de vínculo intrauterino entre mãe e bebê, trazendo isso como o início para um desenvolvimento sadio. O vínculo é estabelecido a partir dos sentimentos que

a mãe transfere para o bebê no período da gestação, esse vínculo se sustentará ao longo da vida do bebê, favorecendo seu desenvolvimento, e também as relações com o meio.

Mello e Gauer (2011) enfatizam, sobre a experiência de maternidade no cárcere, que a mesma pode ser um fator de resiliência para a permanência nesse ambiente, no qual a presença das crianças pode gerar reflexões em que a maternidade na prisão é percebida por algumas mulheres como uma forma de resgatar ou mesmo construir a sua identificação com a figura materna e oportunizar a vivência de ser mãe.

Com base nas pesquisas realizadas, considera-se um fator importante o convívio e interação da mãe com seu bebê, visto que o bebê nasce totalmente em condição de desamparo e dependência, Silva e Porto (2016) discorrem sobre a construção da personalidade do bebê estar ligada diretamente com os laços maternos, bem como a mãe ser facilitadora no seu desenvolvimento. No contexto carcerário, essas mães ficam na companhia de seu filho desde o nascimento, podendo, assim, lhe proporcionar todos esses fatores que contribuem para o desenvolvimento da melhor maneira possível.

Os resultados da observação das mães no contexto do cárcere revelaram que o comportamento de olhar para o bebê e embalar foram os mais frequentes. Nesse sentido, pode-se afirmar que durante a interação há uma combinação de ações de afeto e atenção dirigidas ao filho. Para Seidl-de-Moura *et al.* (2004), os momentos de interação entre mãe e bebê são basicamente face a face e se caracterizam principalmente pelas atividades de tocar, olhar e mamar. O contato olho a olho constitui-se como uma das comunicações mais importantes, sendo um desencadeador de respostas maternas, facilitando o processo de interação entre mãe e bebê (Zamberlan, 2002).

Desde muito cedo os bebês demonstram aptidões para o reconhecimento de expressões emocionais e estímulos (Seidl-de-Moura *et al.*, 2008). Sendo assim, as interações com maior frequência iniciadas pelos bebês foram “irrequieto” com um total de 31 vezes e “vocaliza” totalizando 24 vezes. Ambas as categorias foram observadas com maior frequência na D2, em que o bebê apresentava dois meses de vida e, em um dia específico, comunicou-se com a mãe através desses comportamentos, bem como através do choro, cuja frequência foi de 12 vezes. As crianças a partir de dois meses de idade começam a perceber mudanças faciais e se expressam de diferentes formas, além de exercer certa regulação de suas emoções (Seidl-de-Moura *et al.*, 2008). Dessa forma, compreende-se que essas potencialidades evidentes no bebê facilitam as interações com a mãe, corroborando com a pesquisa de Ribas e Seidl-de-Moura (1999) e Arpini *et al.* (2016) que trazem como um desenvolvimento natural da criança a evolução das interações, levando em consideração apenas a quantidade de estímulos e a qualidade do ambiente em que ela está inserida. Quanto mais a criança apresenta compreensão do meio externo, mais a mãe atribui novos estímulos, o que na pesquisa atual observou-se de maneira geral que os bebês com mais tempo de vida apresentam mais interações

específicas, como vocalizar, dirigir o olhar para a mãe, sorrir e segurar objetos, enquanto o bebê com poucos dias de vida apresentam interações iniciais como chorar, dormir e mamar. A ligação do bebê com a mãe pode ser notada por comportamentos como sugar, pelo agarrar e por meio de outras sinalizações, como o choro e o sorriso (Bowlby, 1989; Arpini et al., 2016).

A reciprocidade da mãe diante desses comportamentos será essencial para a promoção do desenvolvimento infantil, servindo de base para outras relações (Bowlby, 1989; Bronfenbrenner 1996; Arpini et al., 2016). A tendência é que os processos de desenvolvimento e aprendizagem ocorram com mais facilidade no indivíduo que estabelece padrões progressivamente mais complexos em atividades recíprocas com alguém em que desenvolveu um apego emocional (Bronfenbrenner, 1996). Nesse sentido, os bebês em companhia das suas mães no ambiente prisional compartilharam trocas afetivas que podem influenciar de modo positivo o seu desenvolvimento psicológico.

Considerações Finais

O ambiente prisional é considerado um contexto atípico para a criação de uma criança e para a promoção do desenvolvimento humano e, portanto, não pode ser considerado como análogo a casa ou a escola, mesmo com as adequações estruturais observadas no ambiente pesquisado. Devido ao caráter punitivo desse contexto e as representações sociais construídas culturalmente há uma interferência na vida de diversas crianças e mulheres que convivem nesse espaço.

A privação da criança de uma vida regular em sociedade, considerada uma violação dos direitos humanos culminou recentemente em uma mudança no entendimento jurídico brasileiro. Em fevereiro de 2018, o Superior Tribunal Federal (STF) do Brasil concedeu Habeas Corpus (HC 143641) coletivo para determinar a substituição da prisão preventiva por domiciliar de mulheres presas, em todo o território nacional, que sejam gestantes ou mães de crianças de até 12 anos ou de pessoas com deficiência, exceto em casos de crimes praticados por elas mediante violência ou grave ameaça, contra seus descendentes ou, ainda, em situações excepcionalíssimas que deverão ser julgadas pelo juiz. A partir dessa medida do STF há uma tendência de diminuir de forma significativa o número de mulheres presas com os seus filhos no Brasil. Esse tipo de mudança demonstra uma tentativa de assegurar a promoção do desenvolvimento infantil através da manutenção do vínculo mãe-bebê.

Essa pesquisa teve como objetivo caracterizar as interações entre bebês e mães encarceradas. A partir da observação das díades constatou-se que os comportamentos da mãe em direção ao filho com maior frequência foram “olhar para o bebê” e “embalar” e dos filhos em direção as mães foram “vocalizar” e “irrequieto”. Esses resultados evidenciam um compartilhamento recíproco de atenção e afeto entre as

díades. Contudo, observa-se a ausência de comportamentos dos bebês de segurar objetos e também a estimulação dos bebês pelas mães com objetos também foi pouco frequente. Esses resultados podem ser explicados pela limitação do espaço físico, e pela escassez de brinquedos que estimulassem a atenção das crianças nesse contexto e também porque eram bebês com menos de seis meses de idade, o que demandava interações entre as mães e seus filhos muito mais limitadas ao provimento de cuidados básicos para atender as necessidades de regulação fisiológica do que propriamente a estimulação externa. Por isso, a necessidade de atividades de orientação com as mães sobre os benefícios da brincadeira para a promoção do desenvolvimento infantil.

Um dos fatores que dificultou a realização da pesquisa foi o horário permitido pelo presídio para a realização das filmagens. Geralmente nesses períodos as díades estavam em repouso e/ou eram horários de limpeza das instalações, diminuindo assim os momentos de interação. Apesar das limitações do estudo, este é um dos poucos artigos brasileiros sobre o tema, sobretudo com um método de investigação observacional das interações nesse contexto, pois os poucos artigos encontrados na literatura nacional utilizam principalmente de entrevista com as mães ou com profissionais. Sugere-se que sejam feitas novas pesquisas neste contexto utilizando de entrevistas com essas mulheres e com os profissionais que prestam alguma assistência no presídio para verificar a qualidade da interação e as consequências na saúde materno-infantil, bem como novas investigações que avaliem as repercussões para as mães que cumprem pena em ambiente domiciliar acompanhadas dos seus filhos, além da necessidade de estudos com delineamentos metodológicos longitudinais.

Referências

- Arpini, D., Zanatta, E., Marchesan, R., Faraj, S., Ledur, C., & Mozzaquatro, C. (2016). Interação Mãe-Bebê: Um Processo de Descobertas. *Interação em Psicologia*, 19(1), 1-11. doi: <https://doi.org/10.5380/psi.v19i1.32503>
- Armelin, B. D. F., Mello, C.D., & Gauer, G.J.C. (2010). Filhos do Cárcere: Estudos Sobre as Mães que Vivem com seus Filhos em Regime Fechado. *Revista da graduação-PUCRS*, 3(2), 1-17. Retrieved from.: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/7901>
- Baldwin, L. (2018). Motherhood disrupted: Reflections of post-prison mothers. *Emotion, Space and Society*, 26, 49-56. doi: <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2017.02.002>
- Brasil (2017). Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN. 2017. Retrieved from.: <http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>
- Brasil (2017). Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN Mulheres-2ª ed. 2017. Retrieved from.: <https://www.justica.gov.br/news/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>
- Brasil. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990, p.13.563. Retrieved from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm
- Brasil. Lei de Execução Penal. DOU Brasília, DF, 05 out 1988, LEP (Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984). Retrieved from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm
- Cúnico, S. D., Brasil, M. V., & Barcinski, M. (2015). A maternidade no contexto do cárcere: uma revisão sistemática. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(2), 509-528. Retrieved from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Diuana, V., Corrêa, M. C., & Ventura, M. (2017). Mulheres nas prisões brasileiras: tensões entre a ordem disciplinar punitiva e as prescrições da maternidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27, 727-747. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300018>.
- Durigan, C. R. Z. (2015). *Maternidade na prisão: uma análise das relações de apego entre filhos e mães encarceradas*. Dissertação de mestrado. Universidade Tuiuti do Paraná, Retrieved from: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1572>
- Fadda, R., & Lucarelli, L. (2017). Mother–infant and extra-dyadic interactions with a new social partner: developmental trajectories of early social abilities during play. *Frontiers in psychology*, 8, 436. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00436>
- Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.

- Gomes, A. A. & Marchiori, L. E. (2010). *A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Kluczniok, D., Boedeker, K., Fuchs, A., Hindi Attar, C., Fydrich, T., Fuehrer, D., & Bermphohl, F. (2016). Emotional availability in mother-child interaction: The effects of maternal depression in remission and additional history of childhood abuse. *Depression and anxiety*, 33(7), 648-657. doi: <https://doi.org/10.1002/da.22462>
- Kreutz, C. M. (2001). *A experiência da maternidade e a interação mãe-bebê em mães adolescentes e adultas*. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS. Retrieved from: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2931>
- Ledel, K. V., Razera, J., Haack, K. R., & Falcke, D. (2018). Pais encarcerados: a percepção de mães e crianças sobre a relação pais-filhos. *Pensando famílias*, 22(1), 104-117. Retrieved from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100009&lng=pt&tlng=pt
- Menegatti, C. L., Pianovski, M. A. D., & Löhr, S. S. (2016). Interações iniciais entre pais, mães e bebês de 0 a 3 anos: Revisão de literatura. *Estudos de Psicologia*, 21(4), 381-391. doi: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160037>
- Ormeño, G., & Stelko-Pereira, A. C. (2017). Filhos nascidos no cárcere e as dificuldades do exercício da maternidade em ambiente prisional. *Psicologia Argumento*, 33(82), 432-445. doi: <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.33.082.AO07>
- Powell, C., Marzano, L., & Ciclitira, K. (2017). Mother-infant separations in prison. A systematic attachment-focused policy review. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 28(2), 274-289. doi: <https://doi.org/10.1080/14789949.2017.1324580>
- Ribas, A. F. P & Seidl-de-Moura, M. L. (1999). Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. *Estudos de psicologia*, 4(2), 273-288. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200005>
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Ribas Jr., R. C., & Nogueira, S. E. (2004). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 295-302. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300002>
- Seidl-De-Moura, M. L. et al. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: Aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 66-73. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000100009>
- Silva, J. D. (2018). Resiliência e Família: Uma análise da produção científica no período de 2006 a 2017. *Revista de Ciencias Empresariales y Sociales*, 1(1), 164-179. Retrieved from: <https://publicacionescientificas.uces.edu.ar/index.php/empresarialesysociales/article/view/483/481>
- Silva, R. P. & Porto, M. C. (2016). A Importância da Interação Mãe-Bebê. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, 20(2), 73-78. Retrieved from: <https://revista.pgskroton.com/index.php/ensaioeciencia/article/view/4045/3271>

Wendland-Carro, J., Piccinini, C. A., & Millar, W. S. (1999). The Role of an Early Intervention on Enhancing the Quality of Mother-Infant Interaction. *Child Development*, 70(3), 713-721. doi: <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00051>

Zamberlan, M.A.T. (2002). Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 399-406. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200021>